

# NA PANDEMIA BRASILEIRA, TÁ TENDO BONECO DE NEVE NO NORTE E NORDESTE DO PAÍS! PÓS-VERDADE EM DEBATE

IN THE MIDST OF THE CORONAVIRUS PANDEMIC IN BRAZIL,  
WATCH OUT FOR SNOWMEN IN THE NORTH AND  
NORTHEAST REGIONS! POST-TRUTH UNDER DISCUSSION

## **Marcelle Medeiros Teixeira**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Duque de Caxias/Brasil). Bolsista FAPERJ.  
E-mail: marcellemteixeira@gmail.com

## **Dilton Ribeiro Couto Junior**

Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil).  
Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil).  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Duque de Caxias/Brasil).  
E-mail: junnior\_2003@yahoo.com.br

Recebido em: 16 de fevereiro de 2021

Aprovado em: 6 de abril de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 2 | p. 128-146 | mai./ago. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2554>

**RESUMO**

Este texto é parte dos resultados de pesquisa de mestrado em andamento que discute as *fake news* e o fenômeno da pós-verdade no contexto da COVID-19 no Brasil. Analisamos o perigo da desinformação e de seu uso como uma estratégia política por Eduardo Pazuello, que em junho de 2020, na condição de ministro interino da Saúde, justificou o número considerável de óbitos nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil argumentando que o clima nessas regiões estaria ligado ao inverno do Hemisfério Norte. Adotamos o método cartográfico para acompanhar a disseminação de *memes* nas redes sociais Twitter e Facebook e comentários postados na página oficial do Ministério da Saúde no Facebook em resposta ao pronunciamento de Pazuello, seja em apoio, seja em repúdio. Os *memes* e comentários analisados evidenciam que existem grupos de internautas que apoiam Pazuello, enquanto outras postagens ridicularizam a tentativa do então ministro interino de redefinir a Linha do Equador como tentativa de justificar o alto número de óbitos por COVID-19 no Norte e Nordeste do país. Em tempos de pandemia, consideramos imprescindível colocar em prática uma educação em/para a rede, desconstruindo esse tipo de fala enunciada por Pazuello, que busca justificar com inverdades o caos social, evidenciando a ineficiência de políticas públicas para enfrentar a pandemia da COVID-19 no Brasil.

**Palavras-chave:** *Fake News*. Pós-verdade. Pandemia. Memes. Educação.

**ABSTRACT**

This article incorporates part of the results of an ongoing master's research, and it discusses fake news and the post-truth phenomenon in the context of the COVID-19 pandemic in Brazil. We have analyzed the danger of misinformation and its use as a political strategy by Eduardo Pazuello. In June 2020, the Brazil's interim Health Minister justified the considerable number of coronavirus deaths in the North and Northeast regions by arguing that the climate in these regions was related to the winter in the northern hemisphere. We have adopted the cartographic method to follow up the dissemination of memes in the social media networks Facebook and Twitter. We have also evaluated the comments posted on the official Facebook page of the Ministry of Health in answer to Pazuello's statement, whether in support or in objection. The analyzed memes and Facebook comments demonstrate there are groups of internet users which support Pazuello, while others make fun of his attempt to redefine the Earth's equator as a mean of explaining the large number of deaths due to COVID-19 in the North and Northeast regions of Brazil. In times of pandemic, we believe it is crucial to bring forth media literacy and education, in order to debunk the kind of speech pronounced by Pazuello, which seeks to justify social chaos with falsehood, thus highlighting the inefficiency of Brazil's public policies responses to COVID-19.

**Keywords:** Fake News. Post-truth. Pandemic. Memes. Education.

## 1 FORJANDO MENTIRAS PARA JUSTIFICAR A MORTE: INICIANDO O DEBATE

Vivemos um período marcado pela crise mundial no setor da saúde, decorrente da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2). Em março de 2021, um ano após decretada pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil ultrapassou a marca de 11 milhões de pessoas infectadas e mais de 270 mil óbitos por COVID-19. Enquanto a vacina chega ao país a conta-gotas, em 15 de março de 2021<sup>1</sup> registrou-se o vigésimo dia seguido de recorde na média de mortes, enquadrando o Brasil no segundo lugar do *ranking* mundial de pessoas infectadas pela doença, ficando atrás somente dos Estados Unidos da América (EUA).

O caos generalizado causado pela pandemia da COVID-19 é decorrente de um micro-organismo invisível que já se espalhou por praticamente todos os cantos do globo. Mesmo cruzando fronteiras, o novo coronavírus escancara as desigualdades sociais, evidenciando que as pessoas mais suscetíveis à contaminação são aquelas que integram grupos que incluem moradoras/es das favelas, populações de rua e trabalhadoras/es informais (SANTOS, 2020). Isso mostra que “os grupos historicamente excluídos estão mais vulneráveis na pandemia. O acesso aos direitos fundamentais, como à saúde e à educação, está sob ameaça em função dos cortes de investimento no setor público” (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020, p. 1530). Dessa forma, não podemos ser ingênuas/os e acreditar que o novo vírus atinge todo mundo da mesma forma; afinal, a pandemia não é cega, tem alvos específicos (SANTOS, 2020).

Diante desse breve panorama, ressaltamos nossa preocupação frente às ações do governo no combate à pandemia; os discursos disseminados por seus representantes nos fazem crer que essas políticas de combate são propositalmente ineficientes. Apesar da rotina marcada pelo luto, em tempos em que a quarentena continua sendo recomendada, faz-se necessário inventar novas estratégias de resistência em/na rede. O que buscamos, a partir dessa perspectiva de luta, é analisar como a COVID-19 trouxe outros perigos iminentes que não foram instaurados pelo novo coronavírus, mas que se intensificaram junto a ele – como as dificuldades do setor da saúde em atuar em um contexto social marcado pela proliferação de *fake news*, responsáveis por (retro)alimentar o fenômeno da pós-verdade. Essa proliferação nos preocupa, uma vez que “transpor em palavras ou imagens tudo aquilo que caminha de encontro às convicções pessoais pode ser considerado uma espécie de mola propulsora para a manipulação dos fatos” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR, 2020, p. 342). Essa perspectiva de ver/entender o mundo reflete o

<sup>1</sup> Brasil tem 20º dia seguido de recorde na média de mortes por COVID-19. Disponível em: <<https://is.gd/Sz57vh>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

fenômeno da pós-verdade, cujas emoções e crenças individuais são os principais fatores para determinar e/ou assimilar determinadas informações como verdadeiras, por mais contestáveis que sejam.

Novamente fazemos nossas as palavras de Santos (2020, s/p, grifos do autor) e concordamos que “as epidemias tendem a ser menos letais em países democráticos devido à livre circulação de informação. Mas como as democracias estão cada vez mais vulneráveis às *fake news*, teremos de imaginar soluções democráticas assentes na democracia participativa”. Isso implica nosso compromisso social com uma formação de professoras/es voltada a pensar uma educação em/para a rede, com o objetivo de trabalhar, desde os primeiros anos do ensino básico, a importância de checar as informações que são compartilhadas nas diferentes redes sociais digitais.

Sobre o setor da saúde, observamos em 2020 o conturbado cenário político para lidar com emergências e agir com prontidão em prol do monitoramento, da detecção e da busca pela desaceleração do contágio do novo coronavírus. Na cidade do Rio de Janeiro (RJ), houve um planejamento para que fossem inaugurados sete hospitais de campanha no mês de abril<sup>2</sup>. No final de junho, apenas as unidades do Maracanã e de São Gonçalo funcionavam parcialmente, tendo em vista que os dois somavam juntos mais de 350 leitos indisponíveis devido à falta de equipamentos, insumos e profissionais. As unidades de Casimiro de Abreu, Campos dos Goytacazes, Duque de Caxias, Nova Friburgo e Nova Iguaçu não tiveram suas obras concluídas e, em decorrência, foram e estão sendo desmontadas. Em agosto daquele mesmo ano, o governador Wilson Witzel (PSC) foi afastado do cargo pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) devido a uma série de denúncias sobre possíveis desvios de recursos do setor da saúde no Rio de Janeiro. Ousamos dizer que, em 2020, a pandemia da COVID-19 no Brasil acabou como mero pano de fundo de um cenário (necro)político alimentado por uma série de escândalos que contribuíram para dificultar ainda mais o combate ao novo coronavírus.

O cenário brevemente descrito aqui revela não somente a falta de infraestrutura para garantir o atendimento às/aos pacientes infectadas/os pela COVID-19, mas a própria instabilidade no Ministério da Saúde. Desde o início da vigência do governo de Jair Bolsonaro, em janeiro de 2019, Luiz Henrique Mandetta assumiu o cargo de ministro da Saúde e permaneceu até abril de 2020, quando foi demitido

<sup>2</sup> Planejamento dos hospitais de campanha no Rio de Janeiro e as atuais dificuldades. Disponível em: <<https://is.gd/7DxUiF>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

após divergências com o presidente frente à política de isolamento físico<sup>3</sup>, medida recomendada pela OMS. Mandetta foi substituído por Nelson Luiz Sperle Teich, que se demitiu da pasta em maio, antes mesmo de completar um mês na função, por discordância em alguns aspectos, incluindo a mudança no protocolo do uso da cloroquina para o tratamento da COVID-19 e a ampliação de algumas atividades tidas como essenciais.

Além do expressivo número de óbitos no país, preocupa-nos também a forma como o presidente se posiciona diante deles. Em uma das interações de Bolsonaro com apoiadoras/es na portaria do Palácio da Alvorada, em Brasília, uma religiosa pediu uma palavra de conforto para aquelas/es que estão em luto. Em resposta, Bolsonaro declarou: “Eu lamento todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”<sup>4</sup>. Essa afirmação do presidente caminha na mesma linha de pensamento do que Santos (2020, s/p) denomina “darwinismo social”, cuja perspectiva é eliminar todas as pessoas “que já não interessam à economia, nem como trabalhadores nem como consumidores, ou seja, populações descartáveis, como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres ou de corpos desprovidos de qualquer rendimento”. A partir das proposições de Santos (2020), vimos percebendo a frieza com que o governo brasileiro lida com o aumento diário do número de pessoas infectadas e de pessoas que perderam suas vidas para a COVID-19.

Em pleno cenário de caos no âmbito da saúde e da política brasileira, Eduardo Pazuello foi exonerado do cargo de secretário-executivo do Ministério da Saúde e nomeado, no início de junho de 2020, como ministro interino. Diferentemente das outras gestões, a pasta não é ocupada por um médico, mas por um general de divisão do Exército, graduado como oficial de Intendência (especializado em tarefas logísticas ou administrativas) pela Academia Militar das Agulhas Negras (Aman). Poucos dias após assumir o cargo, Pazuello virou alvo de críticas ao afirmar que a pior fase da pandemia já havia passado nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Para defender seu ponto de vista, o ministro explicou:

Para efeito da pandemia, podemos separar o Brasil em Norte e Nordeste, que é a região que está mais ligada ao inverno do Hemisfério Norte, são as datas do Hemisfério Norte que temos inverno, e ao Centro-Sul, Sudeste, Centro-Oeste, que é a região que ‘tá’ mais ligada ao inverno do Hemisfério-Sul<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Embora a OMS recomende o chamado isolamento social, concordamos com Henrique (2020) na opção pelo uso da expressão isolamento físico. Entendemos que, embora estejamos vivendo tempos de pandemia, ainda assim permanecemos constantemente em contato com outros sujeitos, seja por telefone, por redes sociais online ou simplesmente quando precisamos sair de casa e interagir com outras pessoas na rua.

<sup>4</sup> “Bolsonaro diz que a morte é o destino de todos”. Disponível em: <<https://is.gd/VNrzdW>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

<sup>5</sup> “Pazuello afirma que as regiões Norte e Nordeste estão mais ligadas ao inverno do Hemisfério Norte”. Disponível em: <<https://is.gd/3tWIEp>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

Com base nos dados de 2020 do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), cabe questionar essa afirmação de Pazuello. Para tanto, selecionamos duas capitais brasileiras que estariam supostamente bastante ligadas ao “inverno do Hemisfério Norte”, ou seja, aquelas que estão geograficamente localizadas ao norte da Região Norte e ao norte da Região Nordeste. A primeira delas é Boa Vista, capital de Roraima (RR), que registrou a temperatura mínima de 20,3°C e a temperatura máxima de 38°C em 2020. A segunda é São Luís, capital do Maranhão (MA), que registrou a temperatura mínima de 21,6°C e a temperatura máxima de 34,5°C em 2020. Concordamos então com Santaella (2019) quando propõe que o desconhecimento básico sobre a ciência acaba por aprisionar os sujeitos dentro de suas bolhas, que passam a negar até mesmo as evidências mais claras. Dessa forma, partimos do pressuposto de que existe “uma dimensão epistemológica em jogo na disputa por histórias políticas, na medida em que todas pretendem ser verdadeiras mesmo quando os fatos que narram são altamente implausíveis” (GOMES; DOURADO, 2019, p. 33).

Este texto é parte dos resultados de pesquisa de mestrado em andamento e discute as *fake news* e o fenômeno da pós-verdade no contexto da COVID-19 no Brasil. Analisamos o perigo da desinformação e de seu uso como estratégia política por Eduardo Pazuello, que em junho de 2020, na condição de ministro interino da Saúde, justificou o número considerável de óbitos nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil argumentando que o clima nessas regiões estaria ligado ao inverno do Hemisfério Norte. Adotamos o método cartográfico para acompanhar a disseminação de *memes* nas redes sociais Twitter e Facebook e comentários postados na página oficial do Ministério da Saúde<sup>6</sup> no Facebook em resposta ao pronunciamento de Pazuello, seja em apoio, seja em repúdio.

O texto está organizado em quatro partes. A seguir discorreremos sobre a aposta teórico-metodológica na cartografia, que possibilita lançar um olhar analítico sobre diferentes postagens realizadas por internautas. Em seguida, discutiremos as *fake news* e o fenômeno da pós-verdade imbricados na declaração do ministro Pazuello e seus desdobramentos nas redes sociais digitais Twitter e Facebook. Por fim, a título de conclusão, discutiremos sobre a necessidade de colocar em prática uma educação em/para a rede, desconstruindo esse tipo de discurso do ministro Pazuello, que busca justificar com inverdades o caos social, evidenciando a ineficiência de políticas públicas para enfrentar a pandemia da COVID-19 no Brasil.

<sup>6</sup> Página oficial do Ministério da Saúde no Facebook. Disponível em: <<https://is.gd/3qSBFV>>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

## **2 A CARTOGRAFIA COMO OPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA NA INVESTIGAÇÃO EM CONTEXTOS DE (DES)INFORMAÇÃO**

Com a cartografia, entendemos a importância do estabelecimento de uma relação de alteridade entre pesquisador/a e sujeitos, aspecto que faz com que o outro “possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência” (ROLNIK, 2011, p. 12). Trabalhar sob um olhar de alteridade é um convite para a formulação de perguntas na busca por pistas que forneçam maiores respostas sobre a constituição de territórios que se reinventam a cada dia e que modificam também o relevo da paisagem (ROLNIK, 2011). Com a emergência das redes sociais digitais, esse relevo polimorfo abarca a proliferação de diferentes pontos de vista que se (re)articulam em/na rede, fazendo da internet um importante lócus de pesquisa (COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020).

Nosso compromisso ético-político de pesquisar *fake news* e o fenômeno da pós-verdade diz respeito ao interesse em acompanhar o perigo da desinformação e da falta de compromisso com a verdade no contexto político brasileiro contemporâneo. Por isso nossa intenção de cartografar *memes* e comentários na rede no contexto da pandemia da COVID-19 que fomentam uma importante reflexão sobre a participação colaborativa de internautas que se expressam a partir do uso de imagens-dizeres. Não podemos negar que a confecção de *memes* evidencia a criatividade das/os internautas pela aspiração de mudanças sociais, fazendo com que seus anseios políticos sejam amplamente divulgados (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019).

Diferente de um mapa com representação estática, entendemos a cartografia como “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2011, p. 23). Para isso, precisamos permanecer mergulhadas/os nas intensidades de nosso tempo, afetando os sujeitos na medida em que também somos afetadas/as (ROLNIK, 2011). Esse caráter da afetação se faz presente quando nos colocamos abertos aos efeitos inesperados e às constantes modificações que cruzam o caminhar da pesquisa e incidem diretamente sobre nossos interesses investigativos (CARVALHO; POCAHY, 2020). Somos afetadas/os constantemente a partir da relação que estabelecemos com o outro e com o mundo, incluindo o que fazemos/vemos/ouvimos na rede, pela forma como outras/os internautas posicionam-se ética e politicamente e quais sentidos produzem sobre o que decidem postar/compartilhar/curtir.

Por estarmos imersos nas experiências sociais engendradas pelas redes sociais digitais, inquietou-nos cartografar a disseminação de *memes* e comentários de internautas para discutir o fenômeno da pós-verdade em tempos de pandemia no Brasil. Investigar essas práticas em/na rede significa nos lançar no desafio de buscar entender o processo de propagação da desinformação. Para isso, partimos do

pressuposto de que as *fake news* constituem-se como um fenômeno que coloca em xeque a “credibilidade das instituições ‘credenciadas’ para determinar o que é verdadeiro e o que aconteceu de fato e termina com a admissão de uma ‘epistemologia tribal’, segundo a qual verdade e falsidade são relativas aos interesses da nossa tribo” (GOMES; DOURADO, 2019, p. 43). Como efeito, acompanhar a produção e a disseminação de (des)informações na rede vem sendo nossa tarefa investigativa com o método cartográfico.

Com Santos, Colacique e Carvalho (2019), entendemos que precisamos analisar a avalanche de imagens que nos cercam, principalmente nas redes digitais, que cada vez mais medeiam as práticas sociais contemporâneas. Somado a isso, observamos que a (des)informação não é o único perigo iminente no jogo político da pós-verdade, mas também sua potencialidade na formação da opinião pública (SANTAELLA, 2019). Dito isso, interessa-nos questionar como os sujeitos apropriam-se dessas (des)informações na rede para construir suas próprias visões/versões de mundo.

Este texto é um recorte de pesquisa em andamento, cujo foco analítico está nas repercussões na rede sobre o pronunciamento de Eduardo Pazuello sobre o alto número de óbitos por COVID-19 nas Regiões Norte e Nordeste do país no dia nove de junho de 2020. A pesquisa de campo investigou *memes* que viralizaram em redes sociais como o Facebook e Twitter em junho daquele mesmo ano. Além dos *memes* capturados e analisados, nosso movimento cartográfico no Facebook analisou a página oficial do Ministério da Saúde, durante o mesmo período, buscando acompanhar alguns dos comentários realizados por internautas, que demonstram tanto apoio como insatisfação com as ações governamentais. Os *memes* e comentários selecionados para análise neste texto forneceram entradas de problematização importantes que evidenciam a forma como internautas posicionam-se frente à declaração de Eduardo Pazuello. São *memes* e comentários que revelam diferentes visões de mundo que sensibilizam, nos tocam, porque expressam a polarização política no Brasil em um período marcado por uma profunda crise socioeconômica que vem sendo acentuada pela pandemia da COVID-19.

Por motivos éticos, optamos por retirar os nomes das/os autoras/es dos comentários, evitando sua exposição. Não é possível identificar o/a autor/a dos *memes* apresentados e analisados, porque não se trata de uma criação pessoal, mas sim de uma rede de agenciamentos (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019). O *meme* é um convite para que pessoas de todos os cantos do mundo (co)criem juntas, evidenciando o quanto a rede é um espaço importante para problematizar o cenário político em tempos de pandemia do novo coronavírus (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020).

### 3 “NÃO VEJO A HORA DE NEVAR”: CARTOGRAFANDO O FENÔMENO DA PÓS-VERDADE NA REDE

Dentro do contexto das *fake news* e do fenômeno da pós-verdade, nossa cartografia exercita o olhar crítico frente a conteúdos que comumente viralizam na rede. A viralização só é possível porque qualquer pessoa hoje com acesso à internet tem o potencial de produzir/compartilhar, em tempo real, qualquer tipo de informação, evidenciando o quanto há de “uma crescente troca e processos de compartilhamento de diversos elementos da cultura a partir das possibilidades abertas pelas tecnologias eletrônico-digitais” (LEMOS, 2007, p. 36-37). Arquivos de todo tipo “inundam” a internet, favorecendo importantes entradas de problematização sobre o cenário político cotidiano em tempos de pandemia.

A pesquisa em andamento vem investigando a produção de *memes* como importante estratégia na luta contra a desinformação e em prol do questionamento de uma verdade produzida e disputada no contexto dos discursos governamentais. Ao analisarmos os *memes* que seguem (Figuras 1, 2 e 3), identificamos como eles carregam “significados que são difundidos de um indivíduo a outro através de dinâmicas replicadas, mixadas e compiladas e recompiladas que adaptam novas perspectivas ao seu contexto original” (ALMEIDA; SANTOS, 2020, p. 178). Isso significa que os *memes* criados apropriam-se de elementos culturais da vida cotidiana, (re)contando situações de acordo com interesses ou inquietações do/a idealizador/a. A linha imaginária do Equador, ao ser redesenhada para incorporar as regiões brasileiras do Norte e Nordeste, sugere ainda que o país enfrente as nevascas do Hemisfério Norte, com o *meme* a seguir ironizando essa ideia ao frisar: “não vejo a hora de nevar”.

**Figura 1 - Redefinição da linha do Equador**  
Nova linha do Equador, redesenhada hoje pelo “ministro” Pazuello. Agora sim, Norte e Nordeste inclusos... não vejo a hora de nevar.



Fonte: *Meme* capturado no Facebook em junho de 2020.

**Figura 2 - Preparativos para o inverno brasileiro no Norte e Nordeste em tempos de pandemia**

Esperando nevar no Norte e Nordeste pra fazer um boneco de neve, segundo o inverno de Pazuello:



Fonte: *Meme* capturado no Twitter em junho de 2020.

Reforçamos que justificar a alta mortalidade por COVID-19 em determinadas regiões do país não exime a responsabilidade dos governantes em razão da forma como eles têm lidado com a pandemia no Brasil. Importante ressaltar que as/os internautas responsáveis pelas confecção e compartilhamento dos *memes* aliam o desejo por mudança na esfera política, fazendo do humor e da criatividade importantes estratégias disparadoras de questionamentos das cenas cotidianas (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019). Dessa forma, esse tipo de produção imagética surpreende ao tornar-se figura-chave nas redes sociais digitais, justificada pela necessária consciência política por parte das/os internautas responsáveis tanto pela sua criação como pela disseminação.

### Figura 3 - Inverno do Hemisfério Norte no Amazonas

O norte e nordeste acompanham o **inverno** do hemisfério norte.

Indo pesquisar sobre onde os índios da Amazonas moram, encontrei essa linda oca, simplesmente incrível

**Pazuello** tem razão



Fonte: *Meme* capturado no Twitter em junho de 2020.

De forma alguma partimos do pressuposto de que os diferentes saberes precisam passar pelo crivo da ciência para legitimarem-se; no entanto, buscamos frisar nossa preocupação pela falta de compromisso com a verdade em tempos de pandemia. Parece-nos que o interesse em justificar o alto número de mortes pela COVID-19 tem sido maior do que a construção efetiva de políticas de enfrentamento à própria doença. O fenômeno é notório quando percebemos que a formação da opinião pública privilegia o despertar das convicções pessoais e/ou das emoções em detrimento dos fatos (SANTAELLA, 2019).

Outro fator que gera preocupação é continuarmos assistindo a uma quantidade considerável de escândalos no cenário político brasileiro e que não colaboram para o enfrentamento da pandemia da COVID-19, pelo contrário. D'Ancona (2018, p. 35) é enfático ao argumentar que nossa tendência é não mais esperar "que nossos políticos eleitos falem a verdade: isso, por enquanto, foi eliminado do perfil do cargo, ou, no mínimo, relegado de forma significativa da lista de atributos requeridos". No entanto, reforçamos a importância do compromisso com a verdade, defendendo o questionamento constante sobre aquilo que é produzido e postado na rede, ampliando, dessa forma, o debate acerca da perspectiva de que *precisamos aprender a pensar diferente*. Não temos dúvida de que isso é um desafio porque há uma tendência de evitar o contato com "novas informações que não se alinham com aquilo que cremos

ser verdade, pois isso nos desobriga de pensar diferente, sentir diferente e, conseqüentemente, agir diferente” (SANTAELLA, 2019, p. 19).

Com base nas nossas inquietações de pesquisa frente ao fenômeno da pós-verdade, cartografamos na rede na busca por entradas de problematização que ajudem na análise da complexa conjuntura sociopolítica na qual estamos inseridas/os. Com o método cartográfico, conhecer significa “acompanhar processos, o que não se dá sem a participação no plano coletivo de produção do fenômeno estudado. Pesquisa-se com os processos do mundo, em meio à diversidade do mundo. Pesquisa-se nos processos e não sobre eles” (PASSOS, 2019, p. 133). Pesquisamos os e em meio aos *memes*, acompanhamos o que se produz em/na rede não com o objetivo de validar discursos ou fatos, mas de discutir a busca incessante pela legitimidade de determinados discursos descompromissados com a verdade em tempos de pandemia.

Com a cartografia, nosso interesse também foi trazer considerações relevantes a respeito de determinados comentários na página oficial do Ministério da Saúde no Facebook, conforme apresentamos a seguir (Figuras 4, 5, 6 e 7).

**Figura 4 - Internauta concordando com as proposições de Pazuello**

**PARABÉNS** trabalho sério é o negócio agora fiscalizar o Nordeste os Estados que fazem oposição ao Presidente Bolsonaro vê os números que são altos isso é muito estranho . Tem que fiscalizar ministro

**Fonte: Comentário capturado no Facebook em junho de 2020.**

Investigamos sua narrativa e destacamos a junção de dois aspectos que são de suma importância para refletirmos: 1 – A “estranheza” dos dados oficiais, ou seja, a descrença nos órgãos competentes e pesquisadoras/es da área; 2 – A ideia de que os sujeitos contrários ideologicamente ao presidente Bolsonaro estariam forjando números com interesses políticos. Esses dois pontos são fundamentais para a discussão porque são muito recorrentes na página oficial do Ministério da Saúde no Facebook quando analisamos os discursos de internautas para validar o discurso do ministro Pazuello.

Quanto ao primeiro ponto, preocupa-nos a ideia de que estudos científicos e pesquisas tão importantes sejam questionados quanto à sua veracidade, principalmente quando o questionamento é realizado por uma parcela da sociedade que privilegia os discursos políticos e os coloca em uma posição de verdade inquestionável. Com isso, interessa-nos buscar uma melhor compreensão dos pontos de vista de pessoas

que vêm sendo comumente identificadas na pandemia como “negacionistas”, que agem como se o novo coronavírus provocasse apenas uma “gripezinha”. Essas pessoas criam fantasias mirabolantes sobre a pandemia e produzem verdades legitimadas por elas mesmas a partir de suas convicções pessoais, em um “mar” de (des)informação que vem se espalhando por diferentes redes sociais como Facebook e WhatsApp. Com base em uma pesquisa realizada pelo Instituto Gallup, Andrade (2019) argumenta que a crise de confiança na qual a ciência se encontra é percebida principalmente em sociedades que possuem como característica a polarização política, em que parcela da sociedade ataca determinados discursos de acordo com os interesses políticos ou suas crenças.

No que se refere ao segundo ponto, voltamos nossos olhares para a intensa polarização política brasileira para contextualizar a fala da internauta (Figura 4). Sob posse dos resultados do segundo turno da eleição para presidente em 2018 no Brasil<sup>7</sup>, identifica-se, com 69,7% dos votos, o apoio político do Nordeste a Fernando Haddad, candidato de oposição à Bolsonaro. Por essa razão, percebe-se uma tentativa de desqualificar as/os nordestinas/os, assim como todos os outros sujeitos que estão localizados em estados que se opuseram à eleição do presidente vigente.

Essa polarização política é identificada também em uma série de outros comentários na rede, que permitem verificar opiniões divergentes que carregam intolerância frente ao pensamento alheio. Isso é percebido na postagem a seguir.

**Figura 5 - Profissional da saúde demonstra apoio ao Ministro Pazuello**

**Parabéns** pelo excelente trabalho desenvolvido pela equipe do ministério da saúde e comando do ministro PAZUELLO! Sou enfermeira, fico indignada com esses esquerdopatas que não entendem e colocam defeitos no que está sendo feito!

**Fonte: Comentário capturado no Facebook em junho de 2020.**

Ao utilizar o termo “esquerdopatas”, a internauta busca (des)qualificar aquelas/es que possuem aproximação aos ideais políticos de esquerda como fanáticas/os. Nesse sentido, há uma tentativa de justificar de forma pejorativa todas/os as/os que, segundo sua opinião, “não entendem” e “colocam defeitos” no que está sendo feito. Esses pensamentos, guiados por interpretações equivocadas ou por

<sup>7</sup> Resultado da eleição presidencial no Brasil em 2018. Disponível em: <<https://is.gd/MZRHQu>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

fontes próprias de informação, ganham força ao serem disseminados nas redes sociais (ANDRADE, 2019). A importância de refletir sobre discursos políticos como o de Pazuello, aliado às respostas das/os internautas “negacionistas”, aponta para o perigo que o próprio Ministério da Saúde pode representar para a sociedade frente à produção de *fake news* que alimentam o fenômeno da pós-verdade. Na Figura 5, o comentário da internauta feito no Facebook em junho de 2020 destaca alguns elementos presentes nas principais narrativas disseminadas desde o início da propagação da COVID-19 no Brasil, assim como a descrença na ciência e na doença, mesmo quando o Brasil já havia superado a marca de 50 mil óbitos e 1 milhão de infectadas/os. Nesse sentido, há uma tentativa de questionar os números oficiais com base em *fake news* que insistem em afirmar que os hospitais estão ignorando outras possíveis causas de mortes e classificando todas como coronavírus.

Outra narrativa que se faz presente nos discursos das/os apoiadoras/es das ações governamentais em tempos de pandemia é de desqualificação dos ministros anteriores: Henrique Mandetta e Nelson Teich. Salientamos que essa desqualificação encontra-se diretamente relacionada à descredibilização da ciência por parte das/os brasileiras/os, principalmente considerando que, em pesquisa encomendada pela Wellcome Global Monitor e realizada pelo Instituto Gallup sobre como o mundo se sente sobre a ciência e a saúde, 23% das/os brasileiras/os acreditam que a ciência não beneficia a maior parte da sociedade (ANDRADE, 2019). Esses dados ajudam a entender as críticas feitas aos ex-ministros (Figura 6) quando questionado o fato de que os seus estudos dentro e fora da área da saúde não foram suficientes para conter a propagação da COVID-19 no Brasil. Ressaltamos a necessidade da busca pela informação para evitar análises simplistas que desconsideram elementos fundamentais, assim como o fato de que Mandetta e Teich buscavam seguir o isolamento físico, principal orientação da OMS para conter a propagação da doença.

**Figura 6 – Descredibilização da COVID-19 e das/os profissionais de saúde**

Presidente e escolhe quem ele quiser e achar melhor. E todos sabem que morrem muitas pessoas de outras doenças e complicações que não estão envolvidas com o coronavírus e mesmo assim colocavam nos óbitos como corona vírus sem ter adquiridos. Então por favor deixa os profissionais de verdade trabalhar, porque estamos de saco cheio de pessoas como vc que so critica e julga como se fosse Deus. Por favor da um tempo... E lembrando tivemos vários profissionais da saúde com doutorado no poder e nenhum fez sua parte e so queriam puxar o tapete do presidente e afundar o país. O que manda é a competência e a responsabilidade e o conhecimento o resto é vaidade...  
**#BolsonaroMelhorPresidente**

**Fonte: Comentário capturado no Facebook em junho de 2020.**

Além de internautas que apoiam os discursos e ações do ministro e do presidente, percebemos também um movimento contrário. Na página oficial do Ministério da Saúde no Facebook, questiona-se a motivação da indicação de Pazuello como ministro interino; um dos principais fatores apontados é o fato de ele não ser médico, tampouco do setor da saúde. Essa proposição trazida pela internauta na postagem da Figura 7 sugere que todos os ex-ministros que se alinhavam às recomendações da OMS tiveram desentendimentos com Bolsonaro e, conseqüentemente, não fazem mais parte do Ministério da Saúde.

**Figura 7 – Internauta ironiza a escolha de Pazuello por Bolsonaro**

Logicamente não seria um médico, pois discordaria do excelentíssimo.

**Fonte: Comentário capturado no Facebook em junho de 2020.**

Com base nos comentários selecionados da página oficial do Ministério da Saúde e analisados ao longo do texto, identificamos uma multiplicidade de pontos de vista. Essas múltiplas vozes, cujos pontos de vista nem sempre convergem, evidenciam duas especificidades das redes sociais: o poder da emissão e o poder da conexão (LEMOS, 2010). Com isso, temos hoje a oportunidade de olhar para o modo como internautas de todo o mundo fazem da rede um espaço de grande visibilidade de seus questionamentos cotidianos. Não temos dúvida de que precisamos, cada vez mais, ocupar os espaços das redes, ampliando o diálogo com as/os internautas sobre os perigos existentes na disseminação de *fake news* em tempos de pandemia.

Percebemos então como o uso do humor em relação à presença de Pazuello no comando de um setor vital como o da Saúde, principalmente durante uma pandemia, torna-se uma das formas que as/os internautas encontram para questionar diferentes ações governamentais. Os discursos proferidos e as ações realizadas pelo Ministério da Saúde durante os tempos pandêmicos vêm desencadeando repercussões negativas para o Brasil, principalmente quando somos hoje um dos países com maior número de óbitos por COVID-19.

#### **4 PARA NÃO CONCLUIR: SOBRE A NECESSIDADE DE PENSAR UMA EDUCAÇÃO EM/PARA A REDE**

Buscamos investigar, ao longo das reflexões tecidas no texto, o perigo de declarações como a de Pazuello, principalmente em um período marcado pela pandemia da COVID-19. Reiteramos aqui o quanto o espaço das redes sociais vem sendo utilizado recentemente para fins de produção e disseminação de *fake news*, culminando na configuração de um cenário de incertezas caracterizado por uma intensa guerra de narrativas (ALMEIDA; SANTOS, 2020).

Com a pandemia, a presença das/os internautas passa a ser cada vez mais ativa, considerando, principalmente, o aumento do número de pessoas em atividades de *home office*, a substituição dos encontros físicos com amigas/os e familiares por videochamadas e muitas escolas, cursos e universidades sem atividades presenciais. Como consequência, preocupa-nos o aumento da circulação de conteúdos na rede, principalmente aqueles produzidos e compartilhados por pessoas descompromissadas com a verdade. Dessa forma, concordamos com Gomes e Dourado (2019) de que a relativização da verdade e a descredibilização das instituições de pesquisa são duas das diversas formas de criar uma espécie de realidade paralela, baseada naquilo que convém. Isso desencadeia um panorama social preocupante, com parcela considerável da população mergulhada na desinformação e na desconfiança, duas características que favorecem a produção e disseminação de *fake news* (SANTAELLA, 2019).

Como pesquisadores do campo educacional, percebemos a necessidade de pensar uma educação em/para a rede a partir da compreensão do caráter danoso das *fake news* e do fenômeno da pós-verdade. Destacamos que esse dano é ainda mais perceptível com a formação das “bolhas” devido à “homogeneização que estas promovem das relações sociais ao manter os indivíduos em círculos fechados, formados por iguais” (KAUFMAN; SANTAELLA, 2020, p. 7). No entanto, não queremos dizer com isso que as informações devem deixar de circular na rede. Nossa inquietação se volta para uma formação que venha a privilegiar o exercício da checagem, fundamental para que cada vez mais sejamos capazes de identificar informações falsas ou distorcidas. Dessa forma, estaremos rompendo com a realidade dos indivíduos que não possuem o hábito de verificar em outras fontes de informação os conteúdos que consomem (TAVARES; MAGALHÃES; BRITO, 2020).

Há mais de uma década, Lemos e Lévy (2010, p. 95) já diziam: “um livro não é ‘bom’ porque ele é publicado, uma notícia não é ‘verdadeira’ porque ela é anunciada na televisão, um saber não é ‘garantido’ porque ele é ensinado numa universidade”. Caminhando com esse pensamento, colocar em prática uma educação em/para a rede significa atentar para a perspectiva de que o questionamento é desejável e necessário em tempos de intensa produção e disseminação de (des)informações na internet. Longe de buscar respostas conclusivas às questões apresentadas no decorrer do texto, reiteramos que, em tempos de bonecos de neve na pandemia brasileira, precisamos ampliar a discussão sobre a urgência de colocar em prática uma educação em/para a rede, conscientizando cada vez mais a população sobre a importância de seguir as orientações da OMS para conter a proliferação do novo coronavírus.

Concordamos com Maddalena, Couto Junior e Teixeira (2020, p. 1521), que discutem “a necessidade de construirmos novas estratégias de cooperação planetária” a partir da constituição de redes de solidariedade, como a disseminação da *hashtag* #fiqueemcasa. Embora a internet seja um espaço de produção e compartilhamento de *fake news*, a sua infraestrutura técnica também garante o planejamento de estratégias para expor com humor e criticidade o perigo das desinformações em tempos de pandemia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. C.; SANTOS, E. De memes a fake news: desafios de uma pesquisa-formação na cibercultura. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 173-196, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35womZD>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ANDRADE, R. O. Crise de confiança suscita debate mundial sobre como enfrentar ataques ao conhecimento científico. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 284, Ano 20, p. 16-21, out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2Y1R2XJ>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F. Cartografias ciberculturais da formação docente: experimentações autorais na disciplina de educação estética. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 13, n. 1, p. 94-102, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3blyJvG>>. Acesso em: 10 maio 2020.

COUTO JUNIOR, D. R.; POCAHY, F.; CARVALHO, F. S. P. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 17-38, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2EsoMEd>>. Acesso em: 22 maio 2019.

COUTO JUNIOR, D. R.; AMARO, I.; TEIXEIRA, M. M.; RUANI, R. M. Do face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede: a conversa online como procedimento metodológico da pesquisa em educação. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35womZD>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Tradução de Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

GOMES, W.; DOURADO, T. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33-45, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://is.gd/bhb7gA>>. Acesso em: 15 set. 2020.

HENRIQUE, T. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMPtG5>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

KAUFMAN, D.; SANTAELLA, L. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-10, jan./dez. 2020. Disponível em: <<https://is.gd/yxvflH>>. Acesso em: 6 set. 2020.

LEMOS, A. Cibercultura como território recombinante. *In*: MARTINS, C. D.; CASTRO E SILVA, D.; MOTTA, R. (Orgs.). **Territórios recombinantes**: arte e tecnologias. São Paulo: Instituto Sérgio Motta, 2007, p. 35-48.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, A. **Os sentidos da tecnologia**: cibercultura e ciberdemocracia. *In*: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31.

MADDALENA, T. L.; COUTO JUNIOR, D. R.; TEIXEIRA, M. M. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/37Wedls>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

NOLASCO-SILVA, L.; SOARES, M. C. S.; BIANCO, V. L. Os memes e o golpe. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 111-130, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2kW2Pqq>>. Acesso em: 20 set. 2019.

PASSOS, E. Psicologia, pesquisa cartográfica e transversalidade. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, Número Especial, p. 128-139, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/30JGcqj>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, E.; COLACIQUE, R.; CARVALHO, F. S. P. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? **Quaestio**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2MGandy>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

TAVARES, L. P.; MAGALHÃES, M.; BRITO, H. C. Desinformação em meio à pandemia: análise da disseminação de fake news na rede social Twitter. **Revista Temática**, Paraíba, v. 16, n. 09, p. 294-310, set. 2020. Disponível em: <<https://is.gd/4cY4To>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

TEIXEIRA, M. M.; COUTO JUNIOR, D. R. Deu ruim na hashtag! Bots e pandemia de fake news em tempos de COVID-19: o caso #Fechadocombolso(l)naro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 328-347, jun./out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3h4A7fP>>. Acesso em: 16 dez. 2020.